

Eugenia in Nazi Germany – racism as a state politics

Eugenia na Alemanha nazista – o racismo como política de estado

Aleksandro Peixoto de Azevedo¹, Carlos Benevenuto Guisard Koehler²

¹ Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,

Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro

aleksandroazevedo@yahoo.com.br , cbgk@uol.com.br

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista_sh.v1i0.281

Abstract. *We reviewed the Nazi ideology, that of a nationalist, anti-communist and anti-Semitic nature. The strange hierarchy of the races and the search for purity and supremacy of the Aryan blood that were ideas rhetorically launched by Hitler in his book Mein Kampf - My Fight -. The Aktion T4 program for the murders of sick or undesirable people was a fundamental part of the state apparatus of the III Reich that put into practice the eugenic ideas of Galton's pseudoscience. The final throes of the Reich that should have lasted a thousand years. The article, therefore, opens up to the reader the perverse and cruel scenario of Nazi eugenics in one of the darkest periods in our recent history.*

Keywords. *Eugenics. Aktion T4. Nazi.*

Resumo. Revisamos a ideologia nazista, essa de cunho nacionalista, anticomunista e antisemita. A estranha hierarquia das raças e busca da pureza e supremacia do sangue ariano que foram ideias lançadas de forma retórica por Hitler no seu livro *Mein Kampf – Minha Luta* –. O programa Aktion T4 de assassinatos de pessoas doentes ou indesejáveis peça fundamental no aparato estatal do III Reich que colocou em prática as ideias eugênicas da pseudociência de Galton. Os estertores finais do Reich que deveria durar mil anos. O artigo, portanto, abre ao leitor o cenário perverso e cruel da eugenia nazista num dos mais sombrios períodos da nossa recente história.

Palavras-chave. Eugenia. Aktion T4. Nazismo

1. Introdução

É na Alemanha nazista que as ideias eugênicas serão aplicadas em escala industrial. Inicialmente contra o próprio povo alemão e sendo expandida conforme o desenrolar da guerra e a ocupação de territórios. A eficácia do seu programa eugênico que era chamado de Higiene Racial vai encantar adeptos até mesmo em terra brasileiras, como o doutor Renato Kehl que fez diversas visitas para conhecer o “avanço” pseudocientífico da Eugenia alemã.

Décadas após o fim do Terceiro Reich, este ainda continua sendo pauta de trabalhos jornalísticos, acadêmicos e culturais no mundo inteiro. Hitler e o nazismo empurraram o planeta na maior guerra de todos os tempos, produzindo o primeiro genocídio “industrializado” da história, responsável pelo extermínio de dois terços da população de judeus da Europa, e quase 60 milhões de mortos em decorrência da guerra. Não há dúvidas, portanto, de que o Führer e a sua ideologia transformaram radicalmente a história do mundo de formas irreparáveis (MEDEIROS, 2020).

O nazismo é uma ideologia nacionalista, anticomunista e antisemita. Em seu livro *Mein Kampf – Minha Luta* –, Hitler conta que um dos objetivos da doutrina seria a constituição de um Estado racista, cuja maior prioridade estaria na conservação e no progresso do sangue ariano. De acordo com ele, a humanidade seria composta por diferentes raças, umas superiores às outras, e a miscigenação conduziria as raças superiores a um “rebaixamento” na escala evolutiva da humanidade. As raças superiores teriam o dever de dominar e subjugar as inferiores e, com isso, teriam mais chances de sobrevivência e evolução. O contrário em sua visão seria contra a natureza e o próprio Deus. Os judeus, por sua vez, eram considerados os maiores inimigos do sangue ariano, por serem vistos como degenerados, indesejáveis, corruptores da superioridade racial alemã (MEDEIROS, 2020).

O Terceiro Reich era constituído por uma ditadura totalitária que desejava reconstruir a sociedade alemã a partir da conservação do sangue ariano, supostamente superior, criando a chamada *Volksgemeinschaft* (uma comunidade do povo pautada na pureza do

sangue). Para isso, foi criada uma verdadeira máquina de propaganda que daria sustentação e legitimação ao regime, sendo os nazistas o primeiro grupo a utilizar o cinema como veículo para disseminação ideológica e legitimação de poder (MEDEIROS, 2020).

Logo de início, opositores foram presos, partidos políticos fechados e Hitler ganhou no Parlamento o poder para governar por meio de decretos. Seus maiores objetivos eram uma Alemanha forte a partir da conservação do sangue ariano e a vingança contra os ganhadores da Primeira Guerra Mundial, com expansão territorial para o leste em busca de “espaço vital”. Neste período, leis e programas raciais foram colocados em prática, como a proibição do casamento entre alemães e judeus, a proibição para os judeus desempenharem algumas profissões como advogado e professor, o confisco de propriedades judaicas, tentativas de boicote aos comércios judaicos, e também a criação do esdrúxulo programa Lebensborn^[1] (MEDEIROS, 2020).

2. O programa Aktion T4 – a política eugenista nazista

Na construção do aparato estatal nazista as ideias da pseudociência de Galton, já eivadas de misticismo teutônico, são colocadas em prática de forma cruel e desumana jamais vistas na história da humanidade. Conceitos acadêmicos que falam sobre eugenia positiva e eugenia negativa tornaram reais em primeiro lugar para os indesejáveis alemães e depois para judeus, eslavos e minorias étnicas, religiosas e políticas.

Em 1 de janeiro de 1934, começou a vigorar a Lei de Esterilização (Lei para a prevenção de doenças hereditárias), que previa a castração forçada de pessoas com doenças hereditárias sob o argumento de que elas não poderiam gerar filhos que fossem um “fardo” para a sociedade e para o Estado. Argumentava-se sob o ponto de vista econômico, de que o governo gastava muito para cuidar de pessoas doentes, inclusive com atividades escolares para crianças e jovens que pediam cálculos da quantidade de dinheiro gasto pelo governo com pessoas doentes, como uma forma de convencer a população e legitimar as ações do Estado (MEDEIROS, 2020).

O programa nazista começou com um período de “educação” em que foram criados vídeos de propaganda. Um dos mais famosos retratava a história de uma mulher com esclerose múltipla; quando seu marido percebe que aquela vida não vale a pena ser vivida, tira a sua vida ao som de uma música clássica tranquila executada por um colega no quarto ao lado (DE OLIVEIRA, 2015).

As instituições públicas, principalmente hospícios e hospitais, desempenhavam um papel preponderante no programa. Os médicos e enfermeiras eram obrigados a informar às autoridades sobre todos os pacientes com doenças há mais de cinco anos e incapazes de trabalhar nesse período. Os estudantes de medicina foram treinados para analisar e indicar os bebês e as crianças para o programa T4 (DE OLIVEIRA, 2015).

Em 1939, começou a funcionar o Aktion T4, o programa de eutanásia para doentes irrecuperáveis que estavam internados em hospitais, após Hitler receber uma carta dos pais de uma criança cega e doente pedindo uma “morte misericordiosa” para o filho (MEDEIROS, 2020).

A seleção para o programa era realizada através de um relatório impessoal e mecânico cujas perguntas eram: nome, raça, estado civil, nacionalidade, parente mais próximo, se recebia ou não visitas, quem eram e quem arcava com as responsabilidades financeiras e outras perguntas nesse sentido. Esse questionário não levava em consideração os interesses dos pacientes, as opiniões dos médicos que estavam em relação direta com eles e não se consultava os seus familiares. Consultores especializados analisavam administrativamente esses questionários, e as escolhas eram feitas a partir de seus pareceres. Mortos os pacientes, suas famílias recebiam atestados de óbitos falsos (DE OLIVEIRA, 2015).

O major médico Leo Alexander em seu artigo: *Medical Science under Dictatorship* – na tradução livre: *Ciência médica sobre Ditadura* – escreve:

“A decisão sobre quais os pacientes deveriam ser mortos foi feita inteiramente com base nestas breves informações por consultores especializados, a maioria dos quais professores de psiquiatria nas universidades chave. Esses consultores nunca viram os próprios pacientes. A consistência do seu controle pode ser apreciada pelo trabalho de perito, que entre 14 de novembro e 1 de dezembro de 1940, avaliaram 2.109 questionários” (ALEXANDER, 1949).

No discurso oficial, o programa de extermínio nazista incluiria psicóticos, enfermos com doenças crônicas, portadores de distúrbios neurológicos e orgânicos, como Parkinson, tumores cerebrais, esclerose múltipla, paralisia infantil, todos em estado terminal, no entanto, o critério adotado na prática era a incapacidade laborativa permanente, os “comedores inúteis” – *useless eaters* – (DE OLIVEIRA, 2015).

O método usado, em uma primeira fase, era a exposição dessas pessoas ao gás carbônico; depois foi utilizado o Zyklon B, o gás cianeto, já que era mais eficiente. Os nazistas camuflavam os dispositivos de dispersão do gás em chuveiros, assim, os pacientes, segundo relata Viktor Brack^[2] (1904 – 1948) caminhavam calmamente e ficavam esperando a água com seus sabonetes nas mãos. Esse testemunho contradiz frontalmente a propaganda nazista segundo a qual os selecionados para o programa eram pacientes terminais completamente incapazes – eles não poderiam se locomover e tomar banho com tamanha facilidade sem ajuda, como faziam as pessoas descritas por Brack – (DE OLIVEIRA, 2015).

O programa nazista de extermínio era uma parte do esforço de guerra alemão, concebido para poupar dinheiro e recursos ou garantir espaço para a alocação dos germânicos desempregados ou repatriados. A agenda do programa não era médica, embora tardiamente ela tenha sido justificada a partir de considerações médicas (DE OLIVEIRA, 2015).

A “eutanásia” praticada pelos nazistas não procurava, de nenhuma forma, proporcionar uma “boa morte” para aqueles pacientes em estado terminal que já não desejavam mais continuar vivendo. “Os nazistas não possuíam qualquer sentimento de consideração pelo sofrimento alheio; procuravam, na realidade, realizar o projeto de melhoramento do *Volk* ariano e de eliminar o fardo social” causado por essas pessoas; reconheciam que o que faziam era o contrário dos interesses dos pacientes e não desejavam justificar isso publicamente; para camuflar suas práticas, falsificavam os atestados de óbitos (DE OLIVEIRA, 2015).

Para os nazistas, se esses excluídos não possuíam valor enquanto vivos poderiam ser utilizados depois de mortos. Seus corpos e, preferencialmente, o cérebro, foram enviados a várias universidades para serem objeto de pesquisa científica. Um grande número de indivíduos selecionados para o programa de extermínio também foi utilizado como cobaias em uma pesquisa denominada “experiência terminal humana”, na qual, para a experiência ser bem sucedida o resultado teria que ser a morte (DE OLIVEIRA, 2015).

Nesses programas, foram desenvolvidos muitos métodos de esterilização, métodos de extermínio individual através da inoculação de bacilos; testava-se a eficiência do assassinato através da utilização de vários tipos de venenos, dentre muitas outras experiências cujo objetivo consistia em encontrar métodos de execução rápida, 100% eficientes, imperceptíveis e que, em casos de autópsias, produziriam resultados indicativos de morte natural (DE OLIVEIRA, 2015).

O programa de “eutanásia” nazista começou destinado apenas a pacientes internados e em estado grave, mas, com o tempo ganhou dimensões gigantescas, teria sido o instrumento usado para o treinamento de pessoal e desenvolvimento dos métodos que seriam empregados para os extermínios eugênicos ocorridos nos campos de concentração (DE OLIVEIRA, 2015).

Estimativas dão conta de que foram esterilizadas compulsoriamente entre 260 a 360 mil pessoas e 70 mil pessoas foram “eutanasiadas” pelo programa T4. Este foi encerrado em 1941, após padres e pastores protestantes denunciarem nas igrejas, durante as missas e cultos, o projeto de eutanásia. Por isso, alguns membros da Igreja Católica e Protestante chegaram a ser visitados pela Gestapo, a polícia secreta do III Reich (MEDEIROS, 2020).

3. O fim do Reich de mil anos

Na chamada da manhã de 22 de junho, um prisioneiro chamado Witold notou uma atmosfera nova e estranha no campo de concentração de Auschwitz. Os guardas pareciam quietos, abatidos, como se estivesse com medo, os oficiais da SS fumavam em pequenas rodas e pareciam nervosos. Os kapos^[3] não bateram tanto nos prisioneiros quanto o habitual. A notícia se espalhou com rapidez: a Alemanha tinha invadido a União Soviética (...). O ódio de Hitler à União Soviética era bem conhecido, mas a ideia de que os alemães abririam uma segunda frente parecia inacreditável. No entanto a rádio BBC de Londres confirmou que nas primeiras horas da manhã a Alemanha tinha atacado a União Soviética com o maior exército já montado: quatro milhões de homens retirados das potências do Eixo e seiscentos mil tanques e veículos motorizados espalhados por um front de mil e seiscentos quilômetros. Em seu rastro, a Einsatzgruppen da SS – Esquadrões da morte – e unidades policiais militarizadas seguiam as operações de “limpeza” dirigidas aos agentes comunistas e homens judeus em idade militar que fossem acusados de ser simpatizantes (FAIRWEATHER, 2019).

Hitler ainda não havia concebido a Solução Final, mas acreditava que o comunismo era uma invenção judaica que pretendia subjugar a raça ariana e que os judeus eram, portanto, alvos que deveriam ser eliminados. Chegara à hora, Hitler anunciou. Em poucas semanas, a SS também estava atirando em mulheres e crianças judias, em um primeiro passo na direção do genocídio e da limpeza eugênica (FAIRWEATHER, 2019).

Uma vez que a guerra russa não se decidira em três semanas, como Hitler esperava, a Alemanha estava perdida, pois não estava equipada nem podia aguentar uma guerra longa. Apesar de seus triunfos, tinha e produzia muito menos aviões do que mesmo a Grã-Bretanha e a Rússia, sem contar os Estados Unidos. Uma nova ofensiva alemã em 1942, após o inverno terrível, pareceu tão brilhantemente bem-sucedida como todas as outras, e levou os exércitos alemães a fundo no Cáucaso e ao vale do baixo Volga, mas não podia mais decidir a guerra. Os exércitos alemães foram detidos em Stalingrado no verão de 1942. Depois disso, os russos começaram por sua vez o avanço, que só os levou a Berlim, Praga e Viena no fim da guerra. De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo (HOBSBAWN, 1995).

4. Conclusões

Nas primeiras horas do dia 29 de abril, Hitler ditou seu testamento final e se casou com Eva Braun. Por volta das 15h30 do dia 30, ele e sua agora esposa cometeram suicídio juntos. Hitler mordeu uma cápsula de cianureto e se matou com seu revólver Walther 7,65mm (WILLMONT, 2008).

Na sua avaliação, o mundo mental nazista estava intimamente ligado à ecologia e a uma visão radical do darwinismo social. As raças humanas estavam numa guerra total pela sobrevivência num mundo em que os recursos – especialmente, a terra, fonte dos

alimentos – eram escassos. Hitler, nesse sentido, teria rompido radicalmente com a tradição humanista que afirmava que os homens são diferentes dos animais e da natureza por serem capazes de imaginar e criar novas formas de associação além da concorrência e da disputa (BERTONHA, 2017).

A revelação das atrocidades nazistas desacreditou a eugenia científica e eticamente, e fez com que a palavra desaparecesse abruptamente do uso. No entanto, a eugenia não desapareceu, mas se refugiou em muitos casos sob o rótulo de “genética humana” (GUERRA, 2006).

Em tempos como estes que estamos vivendo é imperativo os historiadores da Ciência, sobretudo aqueles que entendem a ciência em sua pluralidade epistemológica, que não descensem em sua missão de relembrar fatos que insistem em nos revisitar.

Agradecimentos

Ao Senhor Deus pela minha vida e pelo privilégio de me permitir estudar no HCTE; as três mulheres da minha vida: Simone (esposa) e Jenifer e Kauane (filhas) pelo amor e carinho nessa caminhada; aos professores e colegas do HCTE que muito me inspira.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

ALEXANDER, L. **Medical Science Under Dictatorship**. Estados Unidos da América. New England Journal of medicine.1949.

BERTONHA, J. F. **Terra Negra: o Holocausto como história e advertência**. Revista Brasileira de História. São Paulo, V.37, 2017, nº 74, p 195-199.

DE OLIVEIRA, A. C. **A Sombra Nazista sobre o Debate em Relação à Eutanásia**. Revista de Filosofia da Região Amazônica. Amazonas. V.2, N 1, 2015, p 30 – 38.

FAIRWEATHER, J. **O voluntário de Auschwitz**. São Paulo: Universo dos Livros. 2019.

GUERRA, A. **Do Holocausto nazista à nova eugenia no século XXI**. Ciência e Cultura. São Paulo, V.58, 2006, p 4- 5.

HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos – o breve relato do século XX, 1914 – 1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

MEDEIROS, G. S. L. **A mentalidade hitlerista: como se formou o ideário político nazista.** Id On Line – Revista multidisciplinar e de Psicologia. V.14, N.49, 2020, p 615 – 633.

WILLMONTT, H. P. **Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2008.

[1] Lebensborn: *Um exemplo de eugenia positiva aplicada na Alemanha foi às casas da Lebensborn que significava primavera da vida. Um projeto secreto e aterrorizante que foi criado em 12 de dezembro de 1935 por Heinrich Himmler. Cujo objetivo era dar oportunidade as meninas racialmente puras dar à luz filhos de oficiais nazistas. Após o nascimento, a criança era entregue a Schutzstaffel (Tropas de proteção) comumente chamada de SS. No total dez casas da Lebensborn operaram na Alemanha. Outras casas da Lebensborn foram estabelecidas por toda Europa ocupa. Muitas crianças de feições arianas foram raptadas e entregues a famílias alemãs após serem “batizadas” em rituais da SS (MEDEIROS, 2020).*

[2] Viktor Herman Brack um dos responsáveis pelo programa T4. Oberführer (coronel sênior) na SS e Sturmbannführer (major) na Waffen-SS.

[3] Os Kapos eram prisioneiros designados pela SS como chefes de barracão, no qual se encarregavam da ordem e da disciplina de um determinado grupo de prisioneiros. Era uma função de privilégio e os prisioneiros que a exerciam eram conhecidos pelo uso excessivo da violência, com raras exceções.